

I

Eu não tinha pai — quer dizer: nunca cheguei a conhecer o meu pai —, mas o Zipper tinha. Isto conferia ao meu amigo um certo prestígio, como se tivesse um papagaio ou um são-bernardo. Quando Arnold dizia: “Amanhã, vou com o meu pai ao Kobenzl”, eu sentia desejo de também ter um pai. Podia pegar-se-lhe pela mão, imitar-se-lhe a assinatura, podia receber-se dele raspanetes, castigos, recompensas, açoites. Às vezes, tinha vontade de convencer a minha mãe a voltar a casar, já que mesmo um padrasto me parecia desejável. Mas as circunstâncias não o permitiam.

O jovem Zipper estava sempre a gabar-se do pai. O pai comprara-lhe isto, proibira-lhe aquilo. Prometera-lhe isto, negara-lhe aquilo. O pai queria falar com o professor, queria contratar um preceptor, queria comprar um relógio a Arnold para festejar a confirmação e arranjar-lhe um quarto separado. Mesmo quando o pai infligia ao filho alguma coisa desagradável, era como se Arnold a tivesse desejado ele próprio. O pai era um génio poderoso, mas, ao mesmo tempo, prestável.

Às vezes, encontrava-me com o pai de Arnold. Durante um quarto de hora, tratava-me como se fosse seu filho. Dizia-me, por exemplo: “Aperta o colarinho, sopra um vento de noroeste, ainda ficas com dores de garganta.” Ou: “Mostra-me lá a mão, fizeste uma ferida, vamos ali à frente à farmácia pôr aí alguma coisa.” Ou: “Diz à tua mãe que te mande ao barbeiro. No pino do Verão, não se anda de cabelo comprido.” Ou: “Já sabes nadar? Um jovem

tem de saber nadar!” Nessas alturas, era como se o jovem Zipper me tivesse emprestado o velho. Ficava grato ao meu amigo, mas, ao mesmo tempo, tinha a sensação embaraçosa de que tinha de devolver-lhe o pai, da mesma maneira que tinha de devolver-lhe o *Robinson*. No fim de contas, as coisas emprestadas não eram minhas.

De qualquer modo, uma vez por outra era-me dado ficar com o pai de Zipper bastante tempo, mesmo se apenas para o partilhar com o filho. Uma vez por outra, íamos os três a ocasiões especiais, subíamos a torres imponentes, visitávamos exposições de feras, monstros, liliputianos, um teatro de Tanagra e o velocista que percorria em dez minutos a comprida Lastenstraße. Na altura, Zipper afirmara que, na realidade, haviam sido onze minutos e quarenta e cinco segundos. É que, para ele, o tempo tinha de ser medido com rigor. Possuía um relógio que, com razão, o meu amigo dizia que era um cronómetro. Era um grande relógio de ouro com tampa. O mostrador era de esmalte lilás. Os números romanos negros tinham bordas douradas. Um gancho discreto, quase invisível, junto ao anel punha em marcha um mecanismo sonoro. Uma pequena campainha de prata de som cristalino batia a hora e o quarto de hora terminados. “Este relógio”, dizia o pai de Zipper, “pode ser usado tanto por um cego como por alguém sem problemas de visão. É certo que os minutos”, acrescentava ele, fazendo-se de engraçado, “essa pessoa tem de imaginá-los. Este relógio nunca foi ao relojoeiro. Trabalha há já quarenta e um anos, de dia e de noite. Adquiri-o em Monte Carlo em circunstâncias pouco comuns.”

Estas “circunstâncias pouco comuns” davam-nos bastante que pensar, ao jovem Zipper e a mim. O pai com quem nos encontrávamos à plena luz do dia, que era uma pessoa como as outras, com um chapéu redondo preto e uma bengala de castão de marfim — a qual, de resto, também tinha a sua história —, este pai vivera, em certo momento, e logo em Monte Carlo, alguma coisa em circunstâncias pouco comuns. Víamos, cheios de respeito, como o velho Zipper comparava o relógio astronómico do Observatório com o seu, verificava a posição do Sol ao meio-dia, os cronóme-

tros eléctricos da cidade. Às vezes, estava ele sentado à mesa e todos a comer em silêncio, empurrava o trinco do relógio e os comensais ficavam a escutar, admirados, o misterioso som.

O pai de Zipper gostava de surpresas. Usava os chamados prega-partidas, caixas de fósforos falsas, de que saltavam ratinhos, cigarros que explodiam e balões de borracha que se moviam como assombrações debaixo da fina toalha da mesa. Interessava-se por muitas pequenas coisas que os adultos normalmente desprezam. Mas também tinha interesse por matérias mais importantes, pela geografia, pela história, pelas ciências naturais, por exemplo. Dava pouca importância às línguas antigas, mas atribuía o maior dos pesos às modernas. “Hoje em dia”, dizia ele, “todos os jovens têm de aprender inglês e francês. Se tivesse tido uma juventude com melhores condições, de certeza que me teria tornado poliglota. Latim, ainda vá. Pode dar jeito se se for para médico ou farmacêutico. Mas grego? Uma língua morta! Homero também pode ler-se em tradução. Os filósofos gregos estão mais do que ultrapassados. Por mim, teria mandado o Arnold para a escola profissional. Mas a mãe! E ainda diz que ama o filho. Ama-o e manda-o aprender gramática grega!”

Havia mais diferenças de opinião entre o velho Zipper e a mulher. Ela tinha respeito pelos professores, pelos padres, pela Corte e pelos generais. Ele negava as verdades eternas, era um rebelde e um racionalista. Venerava, a título excepcional, os génios, Goethe, Frederico, *o Grande*, e Napoleão, diversos inventores, exploradores do Pólo Norte e, em especial, Edison. Respeitava a ciência e, entre os seguidores desta, apenas aqueles que a morte ou uma distância geográfica apreciável haviam afastado dele. A consideração que tinha pela medicina era contrabalançada pela sua desconfiança relativamente aos médicos. Afirmava que nunca estivera doente. Precisava tanto de um médico como o seu relógio de um relojoeiro. Não obstante, encontrava-se, por vezes, num estado a que chamava necessidade de descanso. Nessas alturas, declarava que a pessoa saudável — e justamente a saudável — tinha necessidade de descansar de tempos a tempos e até de ter

uma temperatura mais elevada. Tinha vários métodos para medir a temperatura. Ninguém era tão bom como ele a baixar à força o mercúrio do termómetro. Os seus métodos de tratamento eram estranhos e desconhecidos da medicina. Mais facilmente teriam dado testemunho da sua tendência para a superstição, contradizendo a sua única crença: a crença na razão. Quando tinha dores de cabeça, comia cebolas, punha teias de aranha a cobrir feridas abertas e curava a gota chapinhando na água.

II

A família Zipper morava no bairro dos pequeno-burgueses, em que as casas consistem em quartos demasiado acanhados, têm paredes finas e uma decoração sem préstimo.

Na casa dos Zippers, havia uma sala extraordinariamente aprimorada. Ficava a seguir ao quarto de dormir. Também se poderia aceder-lhe pelo corredor. Mas a porta deste lado estava fechada. Apenas se abria uma vez por ano, na Páscoa, quando o irmão do velho Zipper vinha do Brasil em visita. Para nós, o jovem Zipper e eu, a sala de cerimónia, a que chamavam salão, era acessível na tarde de domingo, se prometêssemos estar sossegados e “não partir nada”. É que estava lá reunida muita coisa que podia partir-se. Recordo-me de um tinteiro de vidro azul-claro com tampa de prata, de um pequeno areeiro da mesma cor e de um porta-penas de vidro azul. Era um conjunto. Estava em cima da cómoda, no meio dos pesados copos rubis, das taças de prata e dos talheres de fruta de alpaca. Nos copos, que tinham sempre algum pó, havia botões de madreperla e anéis de criança de prata macia, prendedores de gravata e estojos de madeira para agulhas, broches guarnecidos de brilhantes de vidro, lantejoulas negras, flexíveis e pegajosas que estavam sempre a cair do vestido preto de cerimónia da senhora Zipper e que ela juntava para as voltar a coser nalguma ocasião.

O salão estava sempre meio às escuras. Pesadas cortinas vermelhas só escassamente deixavam entrar a luz do Sol, só a custo

um raio conseguia por vezes abrir um estreito caminho e traçar uma estreita linha de pó prateada da janela à mesa redonda. Dos armários perpetuamente fechados, vinha o cheiro acre de bolas de naftalina. Uma humidade abafada fazia lembrar campos outonais, o Dia de Todos os Santos, incenso em frescas capelas. Na parede, estavam pendurados retratos dos avós e dos pais da senhora Zipper. O velho Zipper não possuía retratos dos seus antepassados. É que descendia de uma família que era “modesta” e nunca se fizera retratar. No que lhe tocava, porém, parecia querer ser o patriarca de uma estirpe respeitável. Fazia-se fotografar com frequência e mandava ampliar todos os seus retratos. Pendurava-os nas paredes do salão. Via-se ali o senhor Zipper de chapéu e bengala, sentado num banco de jardim, com jasmims em fundo. Além: à secretária, a ler um livro volumoso. À direita, estava pendurado o retrato que mostrava o senhor Zipper em uniforme de sargento da infantaria — de sargento dos serviços de contabilidade. À esquerda: o senhor Zipper de cartola com luvas brancas, acabado de vir de um casamento ou de um funeral. Aqui, ainda era um jovem noivo, com um ramo de flores dentro de um saco branco na mão. Além, um pai já sisudo, com o pequeno Arnold nos joelhos.

O jovem Zipper fora fotografado ainda mais vezes do que o velho. Arnold aos seis meses, nuzinho em pêlo, sorridente, em cima de uma pele de urso; Arnold com um ano, nos braços da mãe; Arnold aos quatro anos com as primeiras calças compridas; Arnold aos seis anos, com a primeira mochila da escola, de ardósia e esponja a balouçar; Arnold aos sete anos, com o primeiro diploma da escola; Arnold aos oito anos, de pernas cruzadas aos pés do seu professor, rodeado pelos colegas da escola; Arnold no traje nacional de Espanha e como ciclista; como pequeno cavaleiro no hipódromo e como motorista no parque de diversões; Arnold montado num burro e na boleia do cocheiro; Arnold ao piano e a tocar violino; Arnold com arco e flecha e Arnold com um sabre; Arnold como pequeno dragão e como pequeno marinho; Arnold em todas as idades, todas as vestimentas, todas as situações; Arnold, Arnold, Arnold...